

Conferência Mundial de Mulheres

O Movimento das “Mulheres do Mundo” ganha força.

(Tradução a partir do alemão)

De 13 a 18 de Março de 2016, realizou-se a “Segunda Conferência Mundial das Mulheres de Base”, em Katmandu/Nepal.

As dificuldades causadas pelo grave terramoto e pelo bloqueio do Governo Indiano, não conseguiram travar as “Mulheres do Mundo”. Contra tudo e contra todos, 2000 pessoas, sobretudo mulheres, desfilaram pelas ruas de Katmandu.

1300 a 1600 pessoas colaboraram como participantes permanentes nas diversas actividades da conferência.

O Programa cultural e de suporte contaram com a participação de centenas de activistas.

Estiverem presentes 74 delegadas em representação de 40 países. Milhares de mulheres, assinalaram a sua presença revestida de grande combatividade. Cerca de 40 brigadistas alemães e voluntários, divulgaram a conferência e recolheram fundos de apoio. De salientar que este evento foi autofinanciado e auto-organizado.

O que é a Conferência Mundial de Mulheres?

A “Conferência Mundial de Mulheres de Base” é uma forma de organização que incentiva a coordenação e cooperação do movimento mundial combativo de mulheres, ultrapassando as fronteiras. A ideia nasceu no “Conselho Político de Mulheres”¹ há dez anos, em 2006, tendo sido impulsionada por Monika Gärtner-Engel². Em 2011, realizou-se, em Caracas/Venezuela, a “Primeira Conferência Mundial das Mulheres de Base”. Foi também uma resposta ao enterro silencioso das conferências mundiais de mulheres pela ONU desde o seu último encontro de 1995, no Pequim. Ao mesmo tempo livrou-se do estilo das conferências da ONU. Estas caracterizavam-se por delegações governativas oficiais e tinham como objetivo manter o movimento das

¹ “Frauenpolitischer Ratschlag” – grémio político na Alemanha que reúne várias organizações de mulheres com orientações diferentes

² Uma camarada do Partido Marxista-Leninista de Alemanha (MLPD)

mulheres na rédea curta da ONU. O “Fórum das Organizações Não-Governamentais” (ONG) fazia principalmente trabalho de pressão a favor das formulações que eram disputadas nas resoluções dos governos. Estas soaram maravilhosamente – mas dez anos mais tarde a situação da massa das mulheres a nível mundial tinha continuado a deteriorar-se.

As “Mulheres do Mundo”, como as ativistas das conferências mundiais de mulheres se tratam a si próprias com autoconfiança, valorizam especialmente o encontro das verdadeiras mulheres de base. A sua atitude característica consiste em desenvolver uma colaboração combativa sustentada a partir das conferências. Desde Caracas, as mulheres do mundo estimularam intensamente e com sucesso o movimento combativo nos vários países enquanto base do movimento mundial das mulheres. Ali, a decisão de realizar conferências de cinco em cinco anos tinha lançado a base para a continuação da construção do movimento de conferência mundial de mulheres. As “Mulheres do Mundo” realizam os seus princípios acordados, como o apartidarismo político, a independência financeira e a tomada democrática das decisões, numa relação de confiança mútua e de igualdade de direitos. Também estas caracterizam atitudes face a organizações que agem sem obrigatoriedade e muitas vezes, de fato, sem legitimação democrática, como os foros sociais mundiais que degeneram cada vez mais em legitimadores crítico-decorativos do imperialismo. Assim, o próximo “Fórum Social Mundial” deve realizar-se no Montreal (Canada), em Agosto de 2016. Os organizadores sublinham a sua esperança na mudança do governo liberal no Canada.

A Conferência Mundial de Mulheres de Base sustenta-se em duas colunas: Primeiro, a Assembleia Geral das delegadas eleitas do movimento combativo de mulheres dos vários países. Nessa, as representantes das mulheres de base discutem temas nucleares da situação mundial e as lutas das mulheres, tomam decisões e aprovam resoluções. Segundo, a participação maciça e aberta de mulheres, iniciativas e organizações que realizam os mais diversos eventos, oficinas de trabalho, contributos culturais e outras atividades.

A “Segunda Conferência Mundial de Mulheres”, em 2016, ocorreu numa situação em que se agrava a lógica de crise do sistema imperialista mundial, mas em que, ao mesmo tempo, o movimento combativo de mulheres está em ascensão. Pobreza, miséria, crises económicas, repressão política, guerras, massas de refugiados e destruição do meio ambiente caracterizam a situação de vida em muitos países. As mulheres são afetadas dum modo especial – através de salários baixos, pela pobreza na velhice, pela violência, por sexismo e repressão. Ao mesmo tempo desenvolve-se a nível mundial a consciência feminina. *“Vemos movimentos muito importantes nos quais as mulheres estão na primeira linha: Aprendemos com as duras lutas das trabalhadoras têxteis jovens em Bangladesh! Aprendemos com as lutas teimosas e bem organizadas das mulheres de limpeza e das enfermeiras nos Países Baixos e das educadoras na Alemanha ... E – estamos entusiasmadas com a luta dura e de sucesso do movimento curdo, especialmente das mulheres que combatem o EI/Daesh, ... Trata-se da fusão, da aprendizagem mútua e do início da libertação internacional da mulher que é organizada e combativa! E da criação dum novo mundo libertado!”* - assim Monika Gärtner-Engel no seu discurso de boas-vindas. De fato, o movimento internacional de mulheres começa a superar uma fase de paralisação pela absorção por “Organizações Não-Governamentais” (ONG), pela institucionalização através dos aparelhos do Estado e pela integração em programas de “gênero” controlados.

Questões sociais

A decisão das coordenadoras mundiais de não realizar as oficinas de trabalho sobre questões de enorme importância em paralelo com a Assembleia Geral foi certíssima. Nas dez **oficinas de trabalho**, 500 mulheres discutiram de forma profunda, intensa e produtiva.

Nos dias terceiro e quarto, a **Assembleia das Delegadas** estava na ordem do dia. Esta conseguiu resolver uma enorme carga de trabalho em condições técnicas em parte miseráveis. Após relatórios continentais minuciosamente preparados, as discussões seguintes testemunharam a experiência de vida e de luta do movimento mundial de mulheres. Tornou-se evidente o grande sofrimento devido ao capitalismo e ao imperialismo. É assim se as mulheres no Mali não podem pisar num terreno usado

industrialmente e a procura do pasto, da água e da madeira é condenada ao fracasso. No entanto, as mulheres do mundo lutam e organizam-se. Isto evidenciou-se na conferência através da representação de significativamente mais países, sobretudo de África. Uma gota de fel foi que havia apenas duas delegadas da América Latina.

A Assembleia Geral aprovou por unanimidade a **Resolução de Katmandu**, além de 20 outras resoluções, entre outros, as das oficinas de trabalho. Discutiram-se intensamente e controversamente moções que teriam alterado e limitado os fundamentos de mundividência da Conferência Mundial de Mulheres. Assim a unificação, exigida por algumas delegadas, à volta de objetivos socialistas ou a aprovação da luta de classes como fundamento do movimento de mulheres. A Assembleia Geral acabou por se posicionar claramente a favor da manutenção do carácter apartidário e da **abertura mundivencial**.

Esta Conferência Mundial de Mulheres foi um salto qualitativo

A Conferência de Katmandu foi um avanço qualitativo em relação à “Primeira Conferência Mundial de Mulheres”, em Caracas:

Teve uma **base de massas em todo o país**. Centenas de mulheres dum largo espectro de partidos em Nepal tinham preparado esta conferência ao longo de anos. Nas conferências de imprensa estiveram presentes 15 até 20 grandes diários e emissoras de televisão. Eles reportavam com fascínio das mulheres que aí se tinham reunido. No fim da conferência, uma delegação de 40 pessoas foi convidada para uma visita na Presidente do país, Bidhya Devi Bhandari. “Assinei a **Resolução de Katmandu** do fundo do meu coração,” sublinhou a Presidente do Nepal.

A conferência representa um **espectro social amplo** em crescimento, de mulheres organizadas cristãmente do Uganda, mulheres rurais do Namíbia, trabalhadoras do Bangladesh, trabalhadoras industriais jovens da Europa, mulheres sindicalistas do Marrocos, ativistas da luta contra a violência contra mulheres da Índia, mulheres representantes da “Marcha Mundial de Mulheres” de África, mulheres representantes de uniões internacionais como a “SOLVODI”, representantes de organizações

importantes de revolucionárias da “Coordenação Internacional de Partidos e Organizações Revolucionários (ICOR)” e da “ILPS”, ou de organizações de mulheres internacionais como a “International Women Alliance (IWA)” cuja nova Presidente eleita, Azra Sayeed, assumiu muita responsabilidade pelo sucesso.

A conferência deu um sinal para **se unir para além das diferenças ideológicas e políticas**. Isto não excluiu nenhuma controvérsia objetiva sobre conflitos, antes pelo contrário! Esta linha de orientação realizaram antecipadamente oito organizações de mulheres do Nepal que pertencem a partidos em parte muito divididos entre si. Também as mulheres indianas deram um exemplo: depois de uma organização não esperada de Katmandu se ter juntado, outras cederam-lhe um lugar de delegada após uma discussão acesa. A renúncia aos interesses organizacionais a favor da representação apartidária da delegação também foi um sinal do processo da unificação no movimento indiano de mulheres.

A luta pela **libertação da mulher no Curdistão** tornou-se parte do movimento mundial de mulheres. Entretanto, com Meral Ciçek e Özlem Yasak, duas mulheres líderes do movimento curdo são representadas, de forma marcante, como coordenadoras no processo das “Mulheres do Mundo”. Em Katmandu, a luta pela libertação da mulher, pela democracia e pela liberdade em Rojava, Síria do Norte, tornou-se causa das mulheres de todo o mundo. As curdas, por sua vez, tornaram-se hoje, de forma consciente, parte ativa do movimento internacional das mulheres. Unanimemente decidiu-se o envio duma delegação internacional de mulheres para o Rojava.

Mulheres jovens passaram a **“Mulheres do Mundo Jovens”** e **assumem responsabilidade** pelo futuro do movimento das mulheres. No Katmandu houve, pela primeira vez, um pódio das mulheres jovens como parte da Assembleia Geral. Com autoconfiança, elas apresentaram as suas visões e posições pela sua luta por um futuro numa sociedade libertada.

A **independência financeira** é uma atitude característica mais considerada, mas também renhida. O autofinanciamento desta conferência com donativos é um

resultado gigantesco. Basta pensar apenas nos custos da viagem das delegadas de 40 países. Até ao último dia recolheu-se, no Nepal, donativos entre as populações na rua. Assim, a conferência tornou-se independente de patrocínios estatais e semi-estatais que muitas vezes estão ligados ao exercício de influências pelos financiadores.

A Conferência não discutiu apenas, mas também **ganhou um nome na prática**. A recolha europeia de fundos pela reconstrução duma escola após o grande terramoto no Nepal atraiu a atenção no país inteiro. A escola de Maga Pauwa foi inaugurada solenemente na fase preparativa da conferência.

Os relatórios e as análises das mulheres do mundo trouxeram **novos conhecimentos**. O que impressionou foi a existência duma tendência de luta de classe no interior do campesinato em todo o mundo. Devido ao fato de os adversários serem cada vez mais os monopólios internacionais, existe um fundamento material para uma orientação a esse inimigo. O “*land-grabbing*” (o roubo da terra) é executado principalmente pelos monopolistas (entre outros, Thyssen³) – muitas vezes também com o objetivo de instalar grandes projetos. É aqui que os camponeses se defendem contra a expulsão de terras extremamente férteis – com as mulheres na primeira linha.

A conferência foi **conquistada politicamente!** Na Venezuela⁴, centenas de colombianas tinham sido detidas na fronteira. Não puderam participar na “Primeira Conferência Mundial de Mulheres” porque as hospedeiras impediram protestos contra “o seu governo de esquerda”. Em Katmandu ultrapassaram-se os maiores obstáculos com os vistos. Dia e noite, algumas mulheres nepalesas – com Durga Paudel à frente de todas delas – estavam em ação a favor desses vistos. Com sucesso! Assim, tanto as delegadas sírias do Rojava, como também a Shamla com um passaporte afegão que já tinha sido recambiada para o Dubai, foram trazidas para dentro do país através do combate.

Pouco antes da Primeira Conferência Mundial de Mulheres, tinha sido fundada a **ICOR**, em 2010. As suas representantes também já tiveram um papel responsável em Caracas. Na fase preparativa de Katmandu tinha havido controvérsias acesas na 2^a

³ Monopólio alemão

⁴ Em 2011, durante a Primeira Conferência Mundial de Mulheres

Conferência Mundial da ICOR sobre o caráter independente da Conferência Mundial de Mulheres. Através da unificação sobre o empenho ativo nos objetivos e nos princípios da Conferência Mundial de Mulheres que foram traçados pelas próprias mulheres e, nisso, a realização dum trabalho de consciencialização pela perspectiva revolucionária, as representantes da ICOR tornaram-se, desta vez, uma estrutura forte e sustentada da Conferência Mundial de Mulheres, com grande carisma. Quase 60 mulheres de todo o mundo tornaram-se “Amigas da ICOR”.

O desejo comum de uma discussão aprofundada e organizada e de uma assimilação teórica das muitas experiências práticas é um dos resultados essenciais das discussões. Foi aprovada por unanimidade a realização conjunta dum **Seminário Internacional sobre a Teoria pela Libertação da Mulher**, em 2017 ou 2018. As mulheres do Curdistão, da Índia, do Bangladesh, das Filipinas, do Nepal e da Alemanha foram encarregues da preparação.

Nasceu um movimento das “Mulheres do Mundo”

Em Katmandu tornou-se claro: Um movimento pela preparação das Conferências Mundiais de Mulheres tem-se transformado num movimento das “Mulheres do Mundo”, com um forte enraizamento em movimentos e organizações relevantes das mulheres de base. Agora há muito por fazer pelas decisões tomadas de Katmandu: *“Apenas se as montanhas do Curdistão, as vales da América Latina, os desertos e as aldeias de África e as cidades da Europa ouvirem as vozes das mulheres do mundo, nós, as mulheres, teremos conquistado os montes mais altos”*, profetiza Meral Ciçek, da delegação curda, no seu discurso final. O internacional movimento combativo de mulheres reforçou e afirmou a sua determinação de assumir um papel de relevo nos conflitos sociais importantes. Com Katmandu surgiu um enorme potencial com futuro. Começou um novo capítulo e “nós estamos ansiosas pela próxima *Conferência Mundial de Mulheres*, num outro continente, daqui a cinco anos - em 2021”⁵.

URL: <https://www.mlpd.de/2016/kw13/weltfrauenkonferenz-in-kathmandu-die-bewegung-der-weltfrauen-erstarkt>

⁵ De: “Resolução de Katmandu”